

Considerações sobre *la langue* e conceitos articulados na pesquisa brasileira contemporânea

Maria Francisca Lier-DeVitto ¹

Resumo

O artigo parte da afirmação de que Saussure foi um homem de fundamentos, alguém que não só interrogou a prática de pesquisa dos estudiosos de seu tempo, como, acima de tudo, construiu um raciocínio linguístico inusitado, admitido como novidade radical. Este artigo fala em favor da importância de sustentação do compromisso da diferença que seu pensamento introduz, que tem em *la langue* ponto central. Nesta perspectiva, a grade articulada de conceitos, presente em sua obra, deve ser examinada à luz desse eixo nodal, lembrando que *la langue* nada retém das tradições gramatical, filológica ou filosófica precedentes (De Lemos *et. alii.*, 2003; Lier-DeVitto, 2018; Lier-DeVitto e Arantes, 2020; Silveira, 2022;). O trabalho de desconstrução do signo filosófico e a construção gráfica e nocional do signo linguístico é exemplar a este respeito. A escrita científica deste último, afirma Lacan (1957, 1970), inscreve a Linguística no domínio da ciência moderna. Neste trabalho busco avançar argumentos, em favor do que levanto acima, e tratar de incidências da referida “novidade saussuriana” em trabalhos nacionais, que mantêm diálogo aberto com autores como Jean-Claude Milner, Jacques Lacan e Giorgio Agamben.

Palavras-chave: *La langue*. Saussure e o objeto da Linguística. Signo linguístico

Data de submissão: outubro. 2024 – Data de aceite: novembro. 2024

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v20i3.16452>

¹ Graduação em Curso de Letras Anglo Germânicas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1969), mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1983). Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1994). Professora titular no Departamento de Linguística da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pesquisadora e docente do Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), PUCSP. Pesquisadora CNPq (20 anos). Líder do grupo de pesquisa Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem. Membro do Serviço de Patologias da Linguagem (SPL) na Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (Derdic), está na coordenação do Centro de Atendimento a afásicos (CAAF) e no Projeto Entrelaços de atendimento a crianças com dificuldades na relação com a linguagem e no laço social. Formação e Clínica em Psicanálise. Membro do Outrarte no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. <https://orcid.org/0000-0003-3587-1431> E-mail: mf.devitto@gmail.com

Parece-me possível circundar direções de trabalhos sobre a obra de Saussure no Brasil, tendo em vista sua forte presença em algumas universidades brasileiras, desde o início do século XXI. Penso em circunscrições temáticas: (1) recepção de Saussure no Brasil²; (2) explorações exegéticas da obra³; (3) decifração e interpretação dos manuscritos⁴ e (4) estudos dos anagramas⁵, sem ignorar publicações criteriosas e a importância da oferta de traduções⁶ relevantes, que incluem trabalhos de alunos de Saussure e correspondências. Embora delimitáveis enquanto discussões temáticas, estudiosos dedicados a Saussure transitam, por vezes, entre elas. Entreve-se nesta sequência a presença significativa de centros universitários como UFU, Unicamp, UFRGS, PUCSP e UNICAP, e certamente, desdobramentos em outros espaços acadêmicos.

O recorte temporal que faço ao iniciar este artigo nos remete aos últimos 30 anos, considerando ser este o período de uma *releitura* refinada da obra saussuriana; *releitura*, esta, que atinge e destaca, de forma mais precisa, a novidade saussuriana que tem como proposição axial, *la langue*, compreendida como “força em jogo de modo permanente e universal!” (Saussure, 1916 [2012] p. 37), portanto, como funcionamento da linguagem sincrônico e estrutural.

Assim definida, *la langue* chega como oferta puramente teórica e naturalmente oposta a tendências empiristas, como assinalou Rodrigues (1980). Não que Saussure fosse desconhecido no Brasil antes da releitura iniciada nos anos de 1980. Ocorre que no trânsito de sua obra, ele tenha sido qualificado como “ultrapassado”, ainda que, paradoxalmente, Saussure tenha sido apontado com o “pai da Linguística Moderna”, de “pai da Linguística Científica” (Salum, 1969). Este paradoxo foi indicado, também, por Rodrigues (1980). Ele justifica seu interesse pelo estudo de Saussure, declarando ter sido este muito exigente. Em suas palavras:

...Saussure manifestava-se, desde o início, como origem, mas... origem repudiada. Todos o citavam, não para assumi-lo, e sim para negá-lo. É origem, mas sua obra, importante como começo, recebia atestados de “passado” que não se prestava mais a novas descobertas. E assim o tomamos. Apesar de referências e advertências de um ou outro pensador sobre a importância *da obra de Saussure*, e mesmo de afirmações de que o “curso levanta uma série interminável de problemas”, parecia-nos ver, em tais afirmações, apenas uma espécie de elogio fúnebre. (Rodrigues, 1980, p. 17)

Rodrigues acrescenta:

A leitura inicial de Saussure nos pegou com uma forte *mentalidade empirista* (...) Procurávamos os *conceitos julgados importantes*, aqueles que a ela se

² Ver Rodrigues (1980; De Lemos *et. alii* (2003); Castro, (2018); Silveira (2022).

³ Ver Andrade (2003); Silveira (2003, 2006, 2022); Lier-DeVitto (2018); Pereira-de-Castro, (2023).

⁴ Ver Silveira, (2004, 2022, entre outros); orientandos dela

⁵ Ver Melo (2021); Monteiro de Carvalho e Vilar de Melo (2023).

⁶ Ver Fiorin, Flores e Barbisan (2013).

referiam, como as dualidades de língua e Fala, Sincronia e Diacronia, Significante e Significado.

Dado que, continua Rodrigues:

Geralmente [a esses] conceitos, gravados de maneira imprecisa, [atribui-se] a revolução na Linguística moderna. *Se ele fez apenas isso, então, correto: façamos-lhe o elogio fúnebre e deixemo-lo descansar em seu túmulo.* (Rodrigues, 1980, p. 17).

Sirvo-me de Rodrigues para opor a releitura de Saussure, acima referida, a leituras anteriores, de cunho empirista⁷, que privilegiaram noções isoladas e as relações dicotômicas como a “grande contribuição” de Saussure para os estudos linguísticos. O resultado dos primeiros encontros com Saussure representa, na verdade, uma desvitalização de seu programa científico, na medida em que noções e conceitos vinham desligados da proposição lógica, que sustenta a raridade e a radicalidade da reflexão de Saussure, enunciada no *Curso de Linguística Geral* em matéria e tarefa. A suspensão do pensamento empirista esta claramente impressa no item (b) como “tarefa do linguista”:

procurar as *forças* que estão em jogo, de modo *permanente e universal*, em todas as línguas e *deduzir as leis gerais* às quais se possam referir todos os fenômenos da história. (Saussure, 1916 [2012], p. 37)

As palavras iluminadas, na citação acima, não deixam dúvidas quanto ao recuo de um raciocínio empirista, atento a dados observáveis, classificáveis e passíveis de abstração em termos gramaticais. Saussure coloca como tarefa a possibilidade de apreensão de “forças permanentes e universais” e dedução de “leis gerais”. Ora, *forças* não são passíveis de observação⁸ e dedução vem em direta oposição a indução. Em outras palavras o pensamento dedutivo/teórico substitui o indutivo/perceptivo, inerente às tendências empiristas.

Para chegar a Saussure e revesti-lo da dignidade do título de “pai da Linguística Moderna” foi preciso pressionar comentários e saberes instituídos e caminhar “nas entrelinhas” (Rodrigues, 1980, p. 17) e, por estas linhas, desvendar a novidade saussuriana. Proponho escutar outra vez Rodrigues, quando descortina, o que de fato faz jus ao emblema que Saussure carrega:

... [a obra de Saussure] proclamava uma teoria do Valor, estabelecia a prioridade da forma sobre o conteúdo, da diferença sobre a identidade: e essas constatações nos levaram *a descortinar um Saussure muito mais revolucionário* do que simples inventor de conceitos novos para a ciência.”

⁷ No Brasil, a obra chega pelas mãos do gramático Matoso Câmara Junior que comprime e reduz precisamente a proposição fundamental da obra saussuriana ao realizar uma leitura que projeta sobre a obra princípios da construção de gramáticas.

⁸ Lembrar aqui de Isaac Newton e a lei da gravidade.

(Rodrigues, 1980, p. 18).

Tomo o trabalho de Rodrigues como exemplar de duas modalidades de encontro com a obra saussuriana. Sua excepcionalidade também o recomenda se considerarmos que se trata de dissertação realizada na década de 1970, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH – USP), no Departamento de Filosofia⁹. Merecem destaque *o lugar* em que foi defendida e *a data* em que a dissertação foi concluída. Sem dúvida, é digno de nota que seu texto não tenha sido apresentado, nem defendido num Departamento de Linguística, o ambiente disciplinar “natural” de um trabalho sobre linguagem. Não menos digno de nota, é o tratamento que Rodrigues dá a Saussure. Ele deriva de motivação semelhante àquela que levou linguistas, duas décadas mais tarde, no final dos anos de 1980, a iniciar um movimento de releitura, de elucidação do pensamento saussuriano - movimento, este, referido como “retorno a Saussure”, de par com o “retorno a Freud”, encaminhado por Lacan. Pois bem, retornar a Saussure é admitir que há complexidade na obra e que “erros de leitura fazem parte da gravidade dos destinos” de uma obra, como assinala Milner (1996, p. 7).

A complexidade envolvida na recepção do Curso de Linguística Geral está na raiz da assunção da “raridade”, em expressão de Milner, do que ele porta de novo, de desafiador, por seus efeitos. Um deles diz respeito à disparidade de como ele foi recebido em seu próprio campo e de como foi recolhido fora dele (Lier-DeVitto, 2018; Silveira, 2022), inclusive num departamento de Filosofia brasileiro na década de 1970, em que Rodrigues pode destacar que, revolucionário na obra de Saussure, foi o peso de *la langue* enquanto sistema de valores - *la langue* é a novidade, a mudança radical de raciocínio sobre a Linguagem. Em outras palavras, *la langue emerge como nó em torno do qual toma lugar a rede conceitual*. Esta questão perpassa o traçado que pretendo dar a apresentação, centrada na problemática da leitura/releitura de Saussure, que me levou à pergunta, qual seja, “o que é uma obra?”. É a partir desta indagação que pretendo desenvolver o que vem comprimido no título deste trabalho.

Antes, em artigos precedentes (Lier-De Vitto, 2018; Lie-DeVitto e Arantes, 2020), interrogada pela questão de que o Curso de Linguística Geral não havia sido escrito por Saussure e, também, pela provocação de Milner (2002 [2003]) quando indica que “Saussure foi feito autor *a posteriori*”, eu me perguntei: “o que é um autor?”. Aproximei-me de Foucault, que tem um texto com este título e aprendi que autor é quem tem “o poder criador de instaurar uma tradição... dentro da qual outros podem se colocar” (Foucault, [1983]2002:57). Saussure perfaz esta condição de autoria na medida em que seu *pensamento* criou, citando Foucault, “a possibilidade e a regra” de afetação e construção

⁹ A dissertação de Rodrigues foi orientada pela Profa. Dra. Marilena Chauí.

de outros textos. Na ocasião, com Foucault, trabalhei, um tanto, a relação entre *autoria e discursividade*. Pode-se reconhecer que a novidade saussuriana promoveu aberturas teóricas inusitadas e heterogêneas. A novidade ressoa na esfera das ciências humanas. Em outras palavras, autor é alguém cuja vocação e destino é operar com princípios fundadores de novas discursividades”. Resumidamente, condição definidora de obra assenta-se na articulação bem montada entre autor e fundamentos.

Retomo, agora, a pergunta: “o que é uma obra?”. A primeira resposta é clara: uma obra é obra de um autor, autor nos termos foucaultianos: um autor é criador e uma obra, uma raridade. Ou seja, não há obra sem autor e nem autor sem obra. A questão, contudo, não se reduz a esta dialética e, para ampliar a discussão, recorro a Milner (1996), que aponta para critérios internos à lógica da discursividade inaugurada e para critérios externos que dizem respeito a seu modo de composição e de disponibilização. O critério externo necessário dispõe que não há obra se não publicada, diz Milner (1996).¹⁰ A *condição de publicação* garante a existência pública do trabalho científico, garante, portanto, sua existência e o trânsito de um pensamento. Neste caso, critério externo para que haja obra é que haja publicação, e, portanto, leitores.

A publicação não garante unicamente a existência de uma obra e sua visibilidade, ela torna a obra aberta, aberta a usos imprevistos. A novidade que ela introduz pode ultrapassar limites disciplinares. Caso mesmo de Saussure, que deixou manuscritos, é certo, mas o impacto de seu pensamento se fez apresentar em uma publicação, por tomada de decisão de alguns de seus alunos. Estes sim publicaram um livro referente a um curso oralmente desenvolvido, com a ressalva de eventuais erros e desvios passíveis de serem encontrados seriam deles e não do autor... a autoria de Saussure estava aí reconhecida. Interessa, aqui, que o Curso veio a público, e pode impactar pela novidade que registrava, pode ser lido e relido, pode ter leitores e não quaisquer, em que pese encobrimentos e aberturas próprias ao destino de uma obra, já que há leitores e leitores. Temos, portanto, que o *vetor autor-obra-publicação* é articulação obrigatória na definição do que é uma obra.

Em Saussure há pensamento, o que justifica o retorno a sua obra, mas significa mais, significa dizer que em sua obra há proposições lógicas e não psicológicas. Esta *condição é interna* e obrigatória: a discursividade de uma obra é garantida pela logicidade de suas proposições e, pela articulação amarrada de conceitos dela decorrente e a ela articulados: “o único suporte que assegura a veracidade da existência de um pensamento são as proposições” (Milner, 1996, p. 8).

Pois bem, desvelar a lógica do pensamento de Saussure demanda sustentar que *la langue* é a novidade radical aqui. Uma vez afirmada a proposição central: *la langue* é um sistema de relações internas. Propriedades são derivações nocionais. Milner esclarece que

¹⁰ Milner (1996) discute o trânsito entre ciência e cultura.

a conjunção lógica entre proposições e propriedades: “é o único suporte que assegura a veracidade da existência de um pensamento (Milner, 1996, p. 8). Frente a tal afirmação, entenda-se que propriedades (noções e conceitos) não podem ser lidos como isolados das “forças em jogo” (Saussure, 1916 [2012], p.37) - proposição nodal do programa saussuriano. Em outras palavras, *la langue* garante que não se pode dizer tudo e nem qualquer coisa.

O esforço de Saussure na construção do signo linguístico é, neste sentido, notável e emocionante. O signo linguístico não é signo filosófico e, para sustentar aditivização “linguístico”, seu primeiro passo foi eliminar a relação interno-externo - característica do signo filosófico. Saussure situa esta composição num mesmo espaço, nem interno, nem externo, mas psíquico. Depois, afirma que imagem acústica é sensorial (não mental). Depois, se pergunta o que é uma unidade. Depois, submete a realização de signo ao jogo do sistema, ou seja, às operações de *la langue*, distinguindo, deste modo, palavra de signo. Signo vem como efeito de *la langue*. É esta montagem lógica que, repetindo Milner, é o único suporte de uma obra, de sua veracidade em termos lógicos, o que não quer dizer que a apreensão desta lógica possa ser garantida.

Nesta apresentação procurei distinguir duas modalidades de leitura de Saussure no Brasil e, prestigiar aquela que, desde o final do século XX tem sido realizada em algumas universidades brasileiras, especialmente as que mencionei de início. Tratei de alinhar este caminho refletindo, com Milner, sobre a pergunta “o que é uma obra?”. Para que haja obra, a articulação do tripe: *autor-obra-publicação* é condição necessária para sua existência. Entretanto, se a publicação é parte indispensável à existência da obra, a publicação não garante uma direção unidirecional do trabalho, quer dizer, não contém certa deriva de leitura, nem elege leitores. Considerando a situação brasileira, eu diria que coexistem leituras empiristas, filologia e/ou gramatical do pensamento de Saussure e, outra, que se alinha ao desejo de elucidação e desvelamento da lógica discursiva que dá suporte ao corte saussuriano, nos termos de Pêcheux.

Reflections on “*la langue*” and articulated concepts in contemporary Brazilian research

Abstract

The article starts from the assertion that Saussure was a man of foundations, someone who not only questioned the research practice of the scholars of his time, but, above all, built an unusual linguistic reasoning, admitted as a radical novelty. This article speaks in favor of the importance of sustaining the commitment to difference that his thought introduces, which has la langue as its central point. From this perspective, the articulated grid of concepts present in his work should be examined in the light of this nodal axis, remembering that la langue retains nothing of the previous grammatical, philological or philosophical traditions (De Lemos et. alii., 2003; Lier-DeVitto, 2018; Silveira, 2022;). The work of deconstructing the philosophical sign and the

graphic and notional construction of the linguistic sign is exemplary in this respect. The scientific writing of the latter, says Lacan (1957, 1970), inscribes linguistics in the domain of modern science. In this paper, I seek to advance arguments in favor of what I have raised above, and to deal with incidences of the aforementioned “Saussurian novelty” in Brazilian works that maintain an open dialogue with authors such as Jean-Claude Milner, Jacques Lacan and Giorgio Agamben.

Keywords: La langue. Saussure and the object of Linguistics. The linguistic sign

Referências

- ANDRADE, L. **Ouvir e escutar na constituição da clínica de linguagem**. 2003. Tese de doutorado. LAEL/PUCSP.
- BRITTO, A. C. S. **Um percurso em torno da noção de diacronia e sincronia: o CLG e a leitura de Câmara Jr.** Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia, 2016.
- CASTRO, M. F. P. Sobre a analogia na reflexão saussuriana. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 34, p. 815-834, 2018.
- CASTRO, M. F. C. P. ; LIER-DEVITTO, M. F. A. F.; LEMOS ; SILVEIRA, E. . O efeito Saussure: cem anos do curso de linguística geral. **CULT - Revista Brasileira de Cultura**, v. 1, p. 62-65-65, 2016.
- DE CASTRO, M. F. P. Ferdinand de Saussure e seu saber-fazer com a escrita. Ou do que se circunscreve de um enigma. **Fragmentum**, n. 62, p. 62-63, 2023.
- DE LEMOS, C. *et al.* Le saussurisme en Amérique Latine au XXe siècle. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 56, p. 165-176, 2003.
- FIORIM, J.; FLORES, V.; BARBISAN, L. **Saussure, a invenção da linguística**. 2013
- LIER-DEVITTO, M. F. Consequências de duas definições de la langue no Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 34, n. 3, p. 799-813, 2018.
- LIER-DEVITTO, M. F.; ARANTES, L. Incidências da novidade Saussureana no Interacionismo e na Clínica de Linguagem. **Revista Estudos em Letras**, v. 1, n. 1, p. 65-76, 2020.
- MARQUES, A. C. M. **A noção de relação na teoria linguística de Saussure**. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia, 2016.
- MELO, R. A. T. *et al.* **Relação dos nomes em a Hora da Estrela, de Clarice Lispector, com o 1 Macabeus**: uma análise através dos jogos fônicos, metáforas e anagramas da linguística estrutural. 2021.
- MILNER, J.-C. **A obra clara**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- MONTEIRO DE CARVALHO, G. M.; VILAR DE MELO, M. F.; TAVARES DE MELO, R. A. Notas sobre o estatuto da palavra-tema no anagrama saussuriano. **Linguagem e Ensino**, v. 26, n. 2, 2023.
- RODRIGUES, N. **Ciência & linguagem**: introdução ao pensamento de Saussure. 1980.
- SALUM, N. Prefácio à edição brasileira. *In*: SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Cultrix: 1969. Trabalho original publicado em 1916.

SILVEIRA, E. Ensaio sobre a variedade das rasuras em alguns manuscritos de Saussure. **Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 34, p. 835-859, 2018.

SILVEIRA, E. O intervalo teórico de Saussure em fins do século XIX. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 34, p. 25-36, 2014.

SILVEIRA, E. **A aventura de Saussure**. 1. ed. São Paulo -SP: Editora da ABRALIN, 2022.

SILVEIRA, E. A invenção do linguista: Saussure entre os manuscritos e o Curso de Linguística Geral: L'invention du linguiste: Saussure entre les manuscrits et le Cours de Linguistique Générale. **Estudos Linguísticos**, São Paulo. 1978, v. 51, n. 1, p. 415-427, 2022.

SOUZA, M. O. **Os anagramas de Saussure**: entre a poesia e a teoria. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia, 2012.

SOUZA, M. O. **Os anagramas de Saussure**: um percurso pelo lado pitoresco das línguas. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia, 2022.